

Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2017





EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

REVISÃO  
Natália Raposo

CAPA  
Hélvio Schobiner

FINALIZAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

C331D CARVALHEIRA, GIBA, - 1971.  
A DISSERTAÇÃO DA MINHA LOUCURA / GIBA  
CARVALHEIRA - GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

78 P. : 21 CM.

ISBN 978-85-5833-234-7

I. ENSAIOS 2. RELATO AUTOBIOGRÁFICO I. TÍTULO

CDD.: B869.4

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Ensaio

Todos os direitos reservados.  
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

É bem certo que as regras da ABNT teriam que estar em ordem quando me proponho a escrever uma dissertação, mas creio que o reflexo da loucura desvincula imediatamente essa obrigatoriedade.

Posso aqui citar autores, porém sem a norma culta, pois a loucura não possui regras!!!

Ela é desembestada como um cavalo que galopa numa reta sem chegada.

A loucura, acima de tudo, não possui leis nem padronização estética.

A loucura por si só já define total e completa incompatibilidade de sensibilidade com o modelo padronizado.

E esse modelo padronizado pertence aos “ditos” normais?

Uma pausa para a reflexão...

Quantos autores ousaram falar da loucura ao longo dos tempos?

Quantos deles eram loucos?

Sim, talvez vários!

Agora pergunto: quantos tinham a consciência de que de fato eram loucos?

Chegando aqui, neste exato momento, afirmo: eu sou completamente louco. E mais: tenho a plena e absoluta convicção da minha loucura!

E isso não é uma parca tentativa de ser o “diferente”, pois não é essa a minha proposta. A minha proposta é simples, é apenas uma: fazer uma – talvez -profunda dissertação das sombras que atormentam a minha mente.

E de uma coisa eu tenho convicção, de que não preciso consumir nenhuma substância para experimentar a loucura; muito pelo contrário, é da sobriedade completa e absoluta que extraio o torpor que muitos procuram nas drogas.

Das profundezas da minha existência complexa, arrisco dizer que muitos queriam ter um pedaço da minha

massa cinzenta. Ela é o maior ópio que se possa oferecer para os ditos “chapados”. Eu não preciso me chapar de nada. Eu já nasci chapado!

É preciso estar atento para as armadilhas dessa condição, pois se deliberadamente eu for buscar outra substância que não seja apenas ela, a essência dela, eu posso mergulhar num transe alucinógeno sem precedentes.

Basta eu querer tomar uma lata de cerveja, ou simplesmente dar uns tragos na erva maldita...

Mas olha como eu estou sendo pejorativo?

Bem, basta!

Tenho que ir para a vigésima primeira dimensão.

E sem nada além dos antipsicóticos e benzodiazepínicos - de tarja preta - que são ministrados ao meu organismo, pois como os que chegaram até aqui na leitura bem sabem: já admiti a minha loucura, e ela tem atestado médico.

O diferencial é a lucidez com que encaro isso.

Sou um louco assumido, e lúcido!

Intrigado, observo em meu entorno a imundície da alma dos que habitam esse planeta. Neste imundo planeta a minha loucura não tem vez, muito pelo contrário, tripudiam em cima dela como feras que querem me

engolir a cada respiração. O sopro que nos faz continuar, para mim, é como se fosse um fim...

Nem me acho diferente da maioria, pois é sabido que todos nós caminhamos cronologicamente para o fim, desde o nascimento.

Mas eles, em geral, caminham sem essa consciência deliberadamente controlada segundo a segundo, minuto a minuto. Os ditos “normais” preferem colocar tudo no piloto automático e viver eternamente felizes.

Contudo não acredito que isso seja um pressuposto de ingenuidade dos tais “normais”, pois alguns loucos que não têm consciência de suas loucuras também de certa forma agem assim.

Mas o ponto fundamental onde quero chegar é o de que os loucos que têm consciência de suas loucuras sabem exatamente fazer com que o desequilíbrio e a desordem passem a comandá-los. E, fazendo isso, passam a viver sob uma suposta normalidade!

Mais uma pausa para a reflexão...

Quando comecei a escrever estas linhas, não tinha a menor intenção de saber o que estava ao certo escrevendo. Apenas comecei a fazer uma terapia, já que havia entrado em uma profunda depressão.

E depressão mata, sabiam?

Pois bem. Mergulhado naquele estado depressivo, acreditando que o ontem havia sido pior que o hoje e que o dia seguinte certamente seria melhor, escrevi durante dias. Ao fim, reli meus escritos e parei para refletir sobre o que escrevera. Tarefa interessante. Acreditava estar ali o meu tão sonhado livro de filosofia.

Eu sempre quis escrever um livro de filosofia, cheguei até a abandonar alguns iniciados, um deles já com quatro capítulos escritos.

Agora cheguei à conclusão de que um livro de filosofia não precisa de divisão em capítulos. Ele apenas flui, e flui com a combinação de vários pensamentos que passam a surgir nas teclas de quem escreve, nos olhos e mentes de quem o lê.

Por isso eu continuo. E espero que os que me estão acompanhando tenham estômago e cabeça para digerir minhas reflexões.

Nunca fui parar em um sanatório, mas acho que já nasci dentro de um!

E esse sanatório a que me refiro é o seio familiar, é o seio social, é a completa e absoluta desordem que observei ao abrir meus olhos.

Eu nem precisei levar palmada do médico: eu nasci chorando, e pra valer.

Ciente da consciência que perpetua, foi como se eu estivesse dizendo, aos berros: “Não, não quero voltar para esse Lugar!”

Mas eu voltei.

E nem sei de onde vim...

Muito menos para onde vou!

Simples ou complexo?

Pois vou continuar!

Fui expelido como excremento, essa é a grande verdade. Aquela coisa bela da maternidade, do nascer é bastante complexa para mim! Mas não quero tirar dos ditos “normais” essa pureza do nascimento propriamente dito.

É felicidade para muita gente o fato de uma nova vida vir ao mundo, mas nem todos pediram para nascer, esse é o fato.

O louco não pediu para nascer!

Acho que os loucos pós-modernos, aqui representados por mim, um louco assumido, detestariam ter nascido em outro tempo, serem fruto de outra contemporaneidade, menos apropriada para a sua existência, mais perigosa até.



No dia em que os loucos forem a maioria (será que já não o são?), certamente eles serão os normais; e os normais virarão os loucos.

Complexo isso, concordam?

Os loucos de outras épocas talvez tivessem experimentado uma vida muito bem sucedida se tivessem nascido em outra década, em outro século.

Mas de que vale o tempo diante de tamanha padronização da normalidade?

Então para dissertar sobre a loucura, temos que traçar um parâmetro de normalidade.

Muito louco isso, não?

Como alguns despadronizados com a normalidade poderiam se dar bem em um mundo um pouco distante?

Teríamos que quebrar paradigmas?

Bem, acredito que os paradigmas são quebrados justamente pelos loucos contemporâneos.

São eles que mudam os rumos de uma forma “normal” de se pensar, são eles que carregam uma cruz, muitas vezes durante toda a vida, só tendo reconhecimento pós-morte.

E aí chega o “normal” desta época, desta agora em que estou digitando este texto, e fala: “que merda, morreu na miséria!”.



[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)



[gibacarvalheira@gmail.com](mailto:gibacarvalheira@gmail.com)



[/giba.carvalheira](https://www.facebook.com/giba.carvalheira)